

**Amarildo Luiz Trevisan; e Noeli Dutra Rossatto (Orgs.).  
*Filosofia e educação: confluências.* Santa Maria [RS]:  
FACOS-UFSM, 2005. 351 páginas.**

*Maria Aparecida Roseane Ramos*\*

Primeiramente, o que nos chama a atenção é o subtítulo: confluências. “Confluência” significa reunião, junção, convergência, ponto de encontro dos rios. O último significado da palavra é bem adequado para expressar a junção de duas águas que desembocam no mesmo lugar: filosofia e educação. Etimologicamente a palavra filosofia é oriunda das palavras gregas *philen* e *sophia* que significam amor à sabedoria, a busca do saber e não da sua posse. Na perspectiva de Graham Priest em “What is Philosophy?” [*Philosophy* v. 81 (2006)], a filosofia “é precisamente um questionamento intelectual onde qualquer coisa pode ser desafiada e criticada” (p. 202). Definir o que é Filosofia é uma questão que muitos filósofos se perguntam e até gastam algum tempo em responder. Porém a resposta a esta questão não é muito óbvia, pois a natureza da filosofia é ainda uma questão em aberto. Uma das razões é que ela própria é uma questão filosófica.

Para alguns leigos, o vínculo entre filosofia e educação se reduz ao conhecimento da disciplina Filosofia da Educação como parte integrante da grade curricular dos cursos de Pedagogia e das Licenciaturas. Mas nada então é mais apropriado do que a confluência das palavras filosofia e educação para conceber a educação constituinte de uma busca filosófica constante nos quais estamos nos educando continuamente. A obra nos apresenta textos de estudiosos de universidades brasileiras e estrangeiras, distribuídos em dez eixos temáticos que foram discutidos no I Seminário Nacional de Filosofia e Educação, realizado no período

---

\* Professora do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRN.

de 13 a 16 de abril de 2004 na Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Os trabalhos são resultados das discussões filosóficas sob a ótica: do Pragmatismo, da Filosofia Continental, da Hermenêutica, da Epistemologia e da Escola alemã na intenção de refletir o ensino e a natureza da filosofia contemporânea na perspectiva dicotômica do ensinar e do aprender.

O primeiro eixo temático, Pragmatismo e Educação, é composto de dois trabalhos, em cujo texto de abertura “A prática do pragmatismo: aprender vivendo, viver aprendendo”, de Floyd Merrell, encontramos uma inteligente e estreita correlação entre a filosofia do *corpomente*, interdependência, inter-relacionalidade, interação, conhecimento e aprendizagem. Ainda neste mesmo eixo, “Pragmatismo, filosofia e verdade: uma introdução”, de Waldomiro José da Silva Filho, discorre essencialmente sobre as crenças que temos de mundo, como um dos componentes do conhecimento subjetivo implícito do indivíduo à luz de Wittgenstein, Rorty, Pierce, Dewey e outros; as concepções destes filósofos sobre filosofia deixaram de ser encaradas como um estudo direto do pensamento e das idéias para serem realizadas através do exame dos jogos de linguagem do ponto de vista histórico-filosófico.

Eis que inusitadas proposições sobre o ensino de Filosofia nos são apresentadas no segundo eixo temático, Ensino de Filosofia: novas propostas, onde encontramos três trabalhos. O primeiro destes, “Teoria dos estágios da argumentação”, de Frank Thomas Sautter, é uma explanação sobre os quatro Estágios da Argumentação de Peter Suber utilizando o contraste entre retórica, dialética e filosofia de Plebe e Emanuele bem como uma leitura da história da lógica formal-dedutiva de Hintikka. A Lógica de Hintikka é explicitada para que entendamos os quatro processos argumentativos de Suber, em que não é necessário abandonar a lógica formal dedutiva em situações do cotidiano mas sim se ocupar de seqüências inteiras de passos argumentativos (p. 48), a exemplo do jogo de xadrez, cuja prática envolve regras estratégicas de planejamento que são deduzidas logicamente sem inferências de jogadas isoladas. O segundo trabalho, “A filosofia do vestibular:

elitização do ensino ou democratização da filosofia?”, de Humberto Aparecido de Oliveira Guido, é um interessante relato de experiência sobre a situação do ensino de filosofia em Uberlândia antes e depois de sua inclusão no processo seletivo de ingresso na Universidade Federal desta cidade. A perspectiva levinasiana do terceiro trabalho, “A fala docente e o paradoxo do ensino”, de Marcelo Fabri, traduz a fala do docente como articuladora da razão e do ceticismo, da competência profissional e da atitude ética, da trama do ensinar e do aprender, tudo isso confluindo para o sentido do próprio filosofar (p. 74).

No terceiro eixo, Ensino de Filosofia com Crianças no Brasil, entre a visão dos sofistas em que educar significava a descoberta da verdade e a contradição da visão platônica em que o homem atingia o ápice do conhecimento do bem e do verdadeiro (e portanto de Deus) nas reflexões sobre o que é verdadeiro é imutável, passando pela concepção de Winnicott sobre o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior (objetivo), o texto “Sobre o espaço da filosofia no currículo escolar”, de Ronai Pires da Rocha, discute as dificuldades apresentadas na introdução da Filosofia como disciplina componente da grade curricular do ensino médio, apontando algumas características a exemplo da falta de diretrizes e de programas de ensino para a disciplina. Em seguida, encontramos algumas características *sui generis* em “Ula: um diálogo filosófico entre adultos e crianças”, em que Sérgio Augusto Sardi é autor de histórias sobre filosofia para crianças escritas de forma pitoresca, numa linguagem simples e coloquial, envolvendo o personagem central Ula, que através de questões tais como Quem eu sou? Devo ser amigo daquela pessoa? ensina os pequenos a filosofar brincando, e ao mesmo tempo procura “buscar, provocar e compreender a base do sentido de um problema filosófico, ..., a correlação entre a vida e a vivência...” (p. 97). Em “Prolegômenos ao tema ensino de filosofia na educação fundamental no Brasil”, o conceito de “prolegômenos” é utilizado por Leoni Padilha Henning para discutir o tema. É uma viagem no tempo, remontando à construção do ensino da filosofia escolar brasileira que teve suas raízes (elitistas)

européias no Brasil Colônia até o modelo americano de filosofia para crianças de Matthew Lipman adotado no Brasil nos anos oitenta.

O quarto eixo discute a Formação de Professores para o Ensino de Filosofia, onde o primeiro artigo, “Formação inicial do professor de filosofia: algumas considerações”, de Elisete Medianeira Tomazetti, que tendo um título auto-explicativo, descreve com muita propriedade os encontros e os desencontros da institucionalização acadêmica e da profissionalização dos professores de Filosofia no Brasil. O segundo texto, “Formação do professor de filosofia e ‘as três metamorfoses’ de Nietzsche”, de Sílvio Gallo, se refere aos três processos de transformação pelos quais o professor de filosofia passa quando escolhe ser um “professor-camelo”, um “professor-leão” ou quando assume ser um “professor-criança” sempre disposto a recomeçar e fazer uma Filosofia mais criativa; escolhas estas, que refletem o seu modo de ensinar e que tipo de abordagem o professor escolhe para ministrar a matéria. A exemplo do texto anterior, o exercício de filosofar e o ensinar Filosofia é tratado por José Pedro Boufleuer na “Formação de professores para o ensino de filosofia”, que discute as competências que se esperam deste profissional da educação em não se conformar em ser um mero reproduzidor, mas em ser aquele que estimula e fortifica o espírito criativo bem como a compreensão do ser.

Currículo e Filosofia é o quinto eixo, cujos textos: “Algumas questões sobre currículo e filosofia”, de Henrique Garcia Sobreira, e “Currículo: uma questão somente técnica?”, de Roberto Luiz Machado, discutem a dialética e os mitos que envolvem a questão da estrutura curricular numa perspectiva do currículo como produto da indústria cultural e semicultura dos “frankfurteanos” Adorno e Horkheimer, assim como a busca da ligação do currículo de Filosofia com a prática no sentido “freireano” de se educar para transformar, por meio de método ativo, dialógico e participativo.

O sexto eixo nos apresenta três trabalhos frutos dos debates sobre Epistemologia e Educação: “Entre a epistemologia e

hermenêutica: a questão da racionalidade e da historicidade do conhecimento e o debate sobre a tese da complementaridade”, de Luiz Carlos Bombassaro; “A relação entre epistemologia e hermenêutica: uma análise a partir da filosofia de Richard Rorty”, de Altair Fávero, e “Filosofia e educação: o ponto de vista neo-pragmático de Richard Rorty”, de Vitor Hugo Mendes. Os textos têm enfoque essencialmente na ousada e polêmica obra *Filosofia e o espelho da natureza* (1979), de Richard Rorty, que defende a tese social da filosofia epistemologicamente centrada na existência do vínculo entre epistemologia e hermenêutica sendo que na primeira o trabalho é construtivo, argumentativo ao passo que na segunda o trabalho é reativo, diametralmente oposto à filosofia (ocidental) tradicional que, segundo Rorty, se encontra como a mente cativa num grande espelho, contendo variadas representações. Distinguindo filósofos sistemáticos dos filósofos edificantes os textos discutem o papel e a identidade do filósofo e da filosofia moderna.

Os trabalhos: “Filosofia e educação: aprendendo uma razão-emoção crítico-reflexiva”, de Celso Henz; “Filosofia e educação básica”, de Clovis R. J. Guterres, e “Sobre o significado e o papel da pedagogia em Kant”, de Cláudio Almir Dalbosco, compõem o sétimo tema focalizando o debate sobre Filosofia e Educação Básica, e, numa postura crítico-reflexiva da perspectiva de Kant defendem que a educação de crianças e adolescentes deveria ser a promoção do bem-estar social; e que isto é possível e atingido por meio do desenvolvimento da potencialidade de cada indivíduo através do conhecimento, da disciplina, num ato de criação de sua própria filosofia prática.

O oitavo eixo temático, Hermenêutica, Linguagem e Educação, discute o repensar e a definição do processo educativo estruturados na filosofia da linguagem e na experiência hermenêutica do compreender. Seja no primeiro texto de autoria de Nadja Hermann, que além de possuir o mesmo título do tema, “Hermenêutica, linguagem e educação”, se respalda na hermenêutica filosófica de Gadamer que nos afirma que a linguagem

é quem determina a concepção que temos da realidade e é através dela que são vistas e percebidas as coisas e assim “a educação pode compreender-se a si mesma numa abertura de linguagem, numa conversação filosófica, em que pode seguir conversando com os envolvidos, repensando e redefinindo sua própria experiência” (p. 263); seja no texto: “Pragmática do saber: a mudança de paradigma na educação”, de Amarildo Luiz Trevisan (um organizador da coletânea), que interpreta a relação entre educação, linguagem e hermenêutica desde a mitologia grega, passando pela visão pragmática do saber na pós-modernidade na concepção terapêutica das linguagens de Habermas, Adorno & Horkheimer, ou no texto “Hermenêutica e formação na virada lingüística”, de Noeli Dutra Rossatto (outro organizador), que, refletindo a visão ontológica do homem como ser sujeito e não objeto de sua própria educação, no qual a hermenêutica é vista como uma escolha apropriada “para capacitar o ser humano a se abrir à pluralidade de paradigmas, compreender uma infinidade de linguagens e dialogar com diferentes sistemas de metáforas enunciativas do mundo” (p. 276).

O penúltimo eixo, Movimentos Sociais, Educação e Filosofia, traz o texto: “Ecologistas, antropófagos e outros bárbaros: uma contribuição filosófica à educação”, de Valdo Hermes Barcelos, que, na direção da trajetória do movimento antropofágico liderado pelo modernista Oswald de Andrade na década de vinte, de sua retomada: o movimento artístico-cultural vanguardista da Tropicália da década de sessenta e do movimento pós-moderno ecologista brasileiro, nos propõe uma antropofagia cultural na “deglutição” dos valores conservadores, patriarcais e autoritários, de suas rígidas normas e de recalques impostos por uma sociedade elitista, para abertura de discussão dos novos horizontes filosóficos e educacionais em nosso país com o compromisso do “dialogar com o (a) outro (a), sem no entanto, abrir mão do seu eu” (p. 303). Neste mesmo tema, o autor Fábio da Purificação Bastos baseado em sua experiência como ativista político no movimento estudantil e em seu envolvimento enquanto profissional da educação atuante nos movimentos sociais populares nos apresenta o texto: “Formação de

professores, educação dialógico-problematizadora e movimentos sociais”, que defende a tese da transformação da estrutura social vigente por meio do *logos* (saber) e da tecnologia na percepção do *ontos* (essência da realidade), no sentido de uma reorganização do currículo escolar dos cursos de formação de professores, em nível de graduação, mestrado e doutorado, para a preparação política da atuação destes profissionais nos movimentos sociais, pois acredita ele que, se “agirmos na direção de mudanças estruturais da sociedade, no sentido de corrigir injustiças sociais, precisamos urgentemente sintonizar nossa ações, de profissionais da educação, com a dos movimentos sociais” (p. 308).

Concluindo a obra, o tema *Ética e Educação* nos traz: “A ética aristotélica das virtudes e a educação: complementaridade entre o universalismo e o particularismo”, de Denis Coitinho Silveira, que é fundamentado na ética das virtudes de Aristóteles; seu *Ética a Nicômaco* abandona a visão filosófica da exatidão consolidada nos princípios matemáticos para uma defesa do bem como um meio do homem atingir a felicidade. Para Aristóteles, a ciência e a arte são inventadas pelo homem através da experiência em que uma arte surge quando muitas noções derivam da experiência e um julgamento sobre como as coisas são produzidas. Assim as coisas universais são as que estão mais afastadas das coisas sensíveis e as particulares, são as que estão mais perto. Neste sentido, as ciências teóricas são opostas às artes produtivas e práticas. Por fim, os dois últimos textos: “A racionalidade comunicativa e suas implicações na formação ética na educação”, de Luiz Carlos Borin, e “Ética: uma ação comunicativa”, de Jerônimo José Brixner, a exemplo do texto do oitavo eixo temático *Pragmática do Saber: a mudança de paradigma na educação*, têm enfoque na ética comunicativa de Habermas, que afirma que a democracia pode ser alcançada por meio da linguagem, numa racionalidade dialógica na superação dos conflitos de ordem ética e moral entre os sujeitos.

Contrariando a provérbio de Camões ao ditar que “navegar é preciso, mas viver também é preciso”, *Filosofia e educação* nos convida a navegar em águas não tão tranquilas do processo

evolutivo do ensino de Filosofia que desembocam no conhecimento das dificuldades e das experiências inovadoras que ele enfrenta. Também discute o papel e a responsabilidade do profissional de Filosofia na educação brasileira levando-nos à reflexão sobre o que é preciso, por que e para quê ensinar a disciplina. Os textos são primorosos, num sentido, em que ensinar filosofia significa ter a humildade de se compreender que a verdade não nos pertence, mas que está diante de nós para ser desvendada, sendo portanto um mistério a ser (re)descoberto no intuito da construção de nossa própria instrução intelectual bem como na busca da compreensão dos variados paradigmas filosóficos envolvidos no processo educativo.